



ALFABETIZAÇÃO COM FUNÇÃO SOCIAL NO SÉCULO XXI: O QUE É TECNOLOGIA E QUAL O SEU PAPEL NA ALFABETIZAÇÃO.

Pamela Cristina Nunes Teixeira¹
Adilson da Silva Mello²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar o conceito de tecnologia e sua possível função no processo de alfabetização. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, um estudo sistematizado, desenvolvido com base em artigos científicos publicados entre 2001 e 2017, na base de dados MEDLINE, LILACS, SCIELO, BIREME e IBGE, além de livros relacionados à educação. Este artigo tem como meta fomentar o uso das diferentes tecnologias em salas de alfabetização, buscando uma função social da escrita durante o processo alfabetizador.

Palavras-chave: tecnologia, alfabetização, função social, escrita, educação básica.

INTRODUÇÃO

Uma das maiores características que diferencia o homem dos outros animais é a inteligência, a racionalidade. O homem possui inteligência, consciência e capacidade para analisar seus atos, executar suas tarefas, planejar suas atividades e colocá-las em prática. Por meio desta, é capaz de produzir mudança constante em seus hábitos, costumes, crenças e culturas.

A história da humanidade é marcada por vencer os obstáculos impostos pela natureza. Desta forma, foi desenvolvendo e inventando instrumentos tecnológicos com o objetivo de superar dificuldades. Podemos dizer que a necessidade é a mãe das grandes invenções tecnológicas.

De forma simplista, o termo tecnologia é facilmente associado a equipamentos eletrônicos e, sem dúvida eles fazem parte do contexto tecnológico, pois facilitam um processo, resolvem

¹ Graduando do Curso de **XXXXXX** da Universidade Federal - UF, autorprincipal@email.com;

² Professor orientador: titulação, Faculdade Ciências - UF, orientador@email.com.



problemas. No entanto é necessário ampliar este conceito independente do ambiente inserido, ou seja, em um ambiente escolar ou industrial, a tecnologia vai além dos equipamentos eletrônicos.

O termo tecnologia aparece no Dicionário Aurélio, (2018) como:

“Ciência cujo objeto é a aplicação do conhecimento técnico e científico para fins industriais e comerciais. Conjunto dos termos técnicos de uma arte ou de uma ciência. Tratado das artes em geral. Alta tecnologia: o mesmo que tecnologia de ponta. Tecnologia de ponta: a de última geração, a mais avançada.”

A definição trazida pelo dicionário Aurélio canaliza a compreensão para aplicação de um conhecimento técnico e científico, o que logo se faz pensar em busca para solucionar um problema. No entanto o foco sempre industrial é comercial e uma tecnologia muito avançada.

Segundo o Instituto de Tecnologia Social (ITS), 2007: Tecnologia é desenvolver conhecimento sobre coisas e aplicar para resolver problemas, realizar tarefa de maneira eficaz.

A definição acima apresenta traços da apresentada pelo dicionário Aurélio, mas O ITS também apresenta um sentido mais rebuscado de tecnologia, que vai além da tecnologia de ponta, mas que tem como função principal, solucionar problemas, desta vez não de uma instituição, empresa ou grupo industrial, mas da sociedade.

O Instituto de tecnologia Social (ITS), 2007, apresenta a definição de Tecnologia Social (TS):

“Conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida” (ITS BRASIL. Caderno de Debate – Tecnologia Social no Brasil. São Paulo: ITS. 2004: 26)



Este conceito de tecnologia vem de encontro com o que se espera de uma escola no século XXI, uma escola capaz de formar indivíduos inclusos na sociedade, que busquem soluções e quem além disso se apropriem das técnicas utilizadas. O foco está em formar cidadãos autônomos, de convívio social e responsabilidade democrática, o que logo transpassa a ideia de formar mão de obra para um mercado capitalista, pelo contrário, vai de encontro com a ideia de formar pessoas capazes de lidar com problemas, solucioná-los, de se perceber parte da sociedade, e para tal, logo usará de materiais (eletrônicos, naturais, de criação própria, disponíveis em sua comunidade ou não), considerará fatores (espaço, tempo, linguagem).

O que a tecnologia pode contribuir com a educação brasileira? Para compreender, faz-se necessário resgatar ligeiramente a história da educação no Brasil para analisarmos o caminho que esta vem percorrendo, para quiçá visualizar a tecnologia nesta.

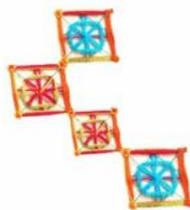
Até a década de 60, havia um conceito de que escola pública brasileira era de qualidade, no entanto não era para todos, apenas a elite possuía oportunidade de estudo. Em seguida a escola migra para periferia, com uma política de acessibilidade, então o problema muda de foco, deixa de ser a falta de acesso e passa a ser a qualidade.

Escola é uma tecnologia criada pela sociedade para atender a demanda de formar pessoas, esse espaço é constituído por diferentes setores (familiar, direção, pedagógico, administrativos, alimentício) o que resulta em uma união de técnicas, um lugar de aprendizagem, um lugar de conflitos e confluências.

Diferentes medidas de Políticas Públicas Sociais são realizadas no Brasil, a grande problemática educacional do país ainda não foi sanada. Educação é encontro e Tecnologia Social se constrói com interação social, logo a educação potencializa a TS, pois não há educação sem encontro.

Para que o processo seja positivo, é necessário que a escola se aproxime da comunidade, a tecnologia que está em pauta vai além dos muros da escola, além da eletricidade, a tecnologia é humana neste caso, é a de cativar os educandos, de conhecer seus problemas, de revelar um currículo oculto e velado pelas instituições.

O documento homologado em 2018, que norteará a educação básica no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular traz como 5º competência geral do documento o seguinte texto:



“Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.”

Para que tal competência se torne possível, o educador, precisa ter clareza dos objetivos e o impacto das ferramentas escolhidas para fazer escolhas certas e não se perder no caminho.

É necessário desapegar de iniciativas consolidadas para “arriscar” no desconhecido para o espaço escolar e tão vivo para os alunos, valorizar uma identidade e assim potencializar o processo de ensino aprendizagem e além disso, tornar o processo de alfabetização real e não escolarizado.

Logo a escola precisa ir além disso, e discussão é maior, é necessário garantir a acessibilidade, a permanência e a qualidade. Mas também é necessário refletir que o padrão de qualidade da década de 60 não pode ser a que deve nortear a escola hoje, no século 21, pois as necessidades mudaram. Hoje a busca é por qualidade, mas as necessidades são outras, assim o parâmetro de qualidade precisa ser revisto.

O professor atual deve ter consciências dos recursos à sua disposição, com visão emancipadora, em busca de mudança e de cidadania. Deve estar apto a utilizar as ferramentas que reforçam o poder multiplicador das tecnologias sociais.

E claro, deve conhecer as possibilidades da educação fora da escola e da sala de aula, como potenciais complementos e aliados da educação formal.

Para o ITS, 2007:

“O ser humano não é nem uma máquina nem uma pedra, nem mesmo pode ser considerado apenas como um organismo biológico. Ele é sujeito de si e não pode ser transformado sem transformar o outro também. Assim, uma professora pensa a sua prática em



função dos alunos e alunas que de fato têm sob sua supervisão. Isso significa que não é só ela que age sobre seus educandos, eles também a transformam(...)"

Existe um clamor, mesmo que oculto ou silenciado por uma mudança rápida na educação, um mudança que revele uma educação que vá além dos muros da escola, e que dentro dela, seja possível vivenciar diferentes situações do cotiado, não situações criadas, mas situações que possibilitem aos alunos realizarem inferências do que aprendem em sala com o que vêm no mundo, fazer da escola um lugar mesmo escolarizado é uma grande missão, mas um percurso que a própria vivência dos alunos revelam, pasta a escuta.

Não se deve pensar que no processo de alfabetização aconteça de forma diferente, pois os alunos chegam na escola alimentados do que conhecem fora dela. Ou seja, um mundo letrado, tecnológico, com informações digitais, áudios, vídeos, dentre outras mídias. É preciso relacionar a alfabetização com a função social da escrita e da leitura, isto é, com o que ocorre de fato na sociedade.

É fundamental que a equipe escolar como um todo se paute em reflexões de pesquisadores da área e crie uma comunidade de professores que:

- Fomente a discussão da alfabetização com função social no século XXI;
- Reflita sobre diferentes óticas o processo de alfabetização com função social;
- Ampliar os conceitos de uso de tecnologia em sala de aula no processo de alfabetização.

Segundo BNCC (2018), durante o período escolar, as experiências da criança em seu contexto familiar, social e cultural, possibilitará o sentimento de pertencimento a um grupo e logo, sua interação das mais diversas formas, utilizando tecnologia de informação, comunicação. Elementos este que estimulam a curiosidade, o pensamento crítico e lógico, potencializando a construção de perguntas e argumentação.

Assim esta pesquisa se justifica por buscar referências que possam fomentar a reflexão acerca da alfabetização com função social, para que este processo se transforme conforme o mundo vem se transformando, assim empoderando os alunos a viver de forma participativa em uma sociedade letrada e tecnológica.



Apoiado nas premissas acima este artigo tem como objetivo problematizar a proposição de alfabetização com a função social no século XXI por meio de tecnologias de comunicação e ferramentas tecnológicas, além de fomentar a comunidade escolar a fim de refletir sobre a importância de unir ao processo de alfabetização as tecnologias digitais, com o foco de elevar o nível de alfabetização em crianças de ensino básico, estabelecer a função da linguagem como prática social na aquisição de habilidades de alfabetização e manter habilidades de alfabetização nas crianças.

METODOLOGIA

Apresentar a metodologia do trabalho com os devidos detalhamentos necessários, os quais devem apontar os instrumentos, estratégias e os por quês da investigação realizada.

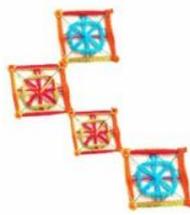
Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, um estudo sistematizado, desenvolvido com base em artigos científicos publicados entre 2001 e 2017, na base de dados MEDLINE, LILACS, SCIELO, BIREME e IBGE e livros, ambos relacionados à educação e a fim de refletir alfabetização com contexto social no século XXI no Brasil e promover uma reflexão crítica.

Os critérios de inclusão dos artigos selecionados para a presente pesquisa foram:

1. Artigos que retratavam o assunto em questão;
2. Artigos publicados em revistas indexadas na base de dados Medline, Lilacs, Scielo, Bireme e IBGE;
3. Artigos que abordaram as palavras-chaves escolhidas, como: Alfabetização, aprendizagem, interferências e tecnologia.
4. Artigos publicados no período de 2001 a 2017.
5. Artigos e livros de autores que teceram importantes trabalhos na área de alfabetização.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma das principais obras que buscam explicar o processo de aquisição da escrita pela criança é o livro “Psicogênese da língua escrita” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985), além de da



obra Reflexões sobre alfabetização (FERREIRO; TEBEROSKY, 1995), Tradução Horácio Gonzalez (et. al.). _24 ed._ São Paulo: Cortez. 1995, e O ingresso na escrita e nas culturas do escrito alfabetização (FERREIRO; TEBEROSKY, 2013) Seleção de textos de pesquisa. Tradução Rosana Malerba. 1ª ed._São Paulo: Cortez. 2013 que defendem a ideia de uma educação que faça parte do mundo, que permita que a criança tenha acesso ao que permeia no mundo e que potencialize a processo de alfabetização

Assim, para este artigo, construiu-se embasamento teórico a partir dos pressupostos de Piaget, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Delia Lerner, José Manuel Moran, Magda Soares, Tema Weisz, além de dados do IBGE e artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É recorrente a fala de uma educação inclusiva, uma educação de acesso a todos, uma educação democrática.

Tão importante quanto falar sobre esses temas é falar da qualidade da educação e especial aos primeiros anos da educação básica, ao período de alfabetização. No início do século XXI, um tempo permeado de tecnologia, globalização, trocas de informações rápidas e diferentes formas. Em meio a esta realidade mundial, como alfabetizar com função social? Como alfabetizar sem escolarizar? Como alfabetizar levando em consideração as vivências e os saberes que os alunos constroem fora da escola? Como alfabetizar sem tirar o direito de pertencer ao mundo real e mais, auxiliando a construir meios de se fazer presente nesse mundo tecnológico?

Alfabetizar não é um tema que deva ser segregado na escola, ninguém aprende ler e escrever para a escola, se aprende ambos para vida, basta pensar em nossas experiências cotidianas que logo lembraremos de situações onde esses atos são necessários, ainda mais com a rápida disseminação dos computadores e smartphones e esses estão rapidamente transformado nosso modo de produzir e ler textos.

Segundo o IBGE, 2016, Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, esse número é referente a 64,7% de toda a população. Os indivíduos com idade entre 18 e 24 anos apresentavam a maior taxa de conexão: 85% deles estão online. Esses dados mostram como a tecnologia da informação está disseminada no Brasil. Por outro lado,



dados também do IBGE, 2016, relevam que o Brasil possui 11,8 milhões de analfabetos, o que corresponde a 7,2% da população de 15 anos ou mais.

Ao analisar os dados do IBGE, é possível perceber que o número de analfabetos ainda é grande, e que existe uma boa parcela deles entre os jovens. Por outro lado, o acesso à tecnologia de comunicação entre eles é imenso, cerca de 85% dos jovens brasileiros então conectados e utilizando ferramentas de comunicação.

No entanto fica latente o questionamento: O que faremos com aqueles que nem sequer chegaram ao livro impresso?

No geral as pessoas se adaptam rapidamente as novas tecnologias, trocam mensagens de texto instantaneamente, ou ainda para serem mais ágeis ou driblar o analfabetismo, utilizam mensagens de áudio, memorizam ícones para acessar aplicativos e construir diálogos.

Segundo Ferreira, 2013, com o surgimento dos computadores, o abismo que já segregava os não letrados dos letrados cresceu. Antes o objetivo era facilitar que os alunos tivessem acesso aos jornais, livros e bibliotecas. Mas o mundo revela outro movimento, uma busca por hipertexto, e-mail e páginas virtuais.

2.1. Alfabetização no século XXI

Quando a pauta é alfabetização no século XXI, é necessário levantar questões como:

Que desafios isso representa para a educação? Hoje que alfabetismo falamos em termos escolares? Os cidadãos do século 21 estão agora nas salas de aula. Estamos preparando-os para a alfabetização no próximo século ou no século XIX?

Em meio ao mundo rodeado de novas tecnologia da comunicação, como alfabetizar com função social?

Como alfabetizar sem escolarizar? Sem tirar o direito de pertencer ao mundo real e mais, auxiliando o aluno a construir meios de se fazer presente em um mundo tecnológico?

Segundo Ferreira, 2013 o processo de alfabetização não é fixo, mas uma construção histórica que muda conforme se altera as exigências sociais e as tecnologias produção de texto.



O processo de alfabetização precisa refletir o que a sociedade vive fora da escola, a instituição escolar não pode ser um mundo paralelo onde o que se aprende nela não faz conexão com o real.

Para Ferreiro e Teberosky (1999), não é o ambiente que alfabetiza, nem tampouco o fato de pendurar coisas escritas nas paredes que produz um efeito alfabetizador, e que nenhuma criança entra na escola regular sem nada saber sobre a escrita, e que o processo de alfabetização é longo e trabalhoso para todos, não importa a classe social.

Por isso, a influência do meio de convivência em que a criança está inserida e também as experiências dela são de suma importância para o desenvolvimento desse processo e devem ser levadas em conta.

Sabe-se que quanto mais um indivíduo possui a oportunidade de vivência significativa com a escrita e com a leitura e que quanto mais este se envolve em atividades onde tenha que pensar sobre a escrita como objeto social de conhecimento, fruto de um processo histórico, onde ele seja levado a criar, pensar, ler e escrever textos que realmente circulem no contexto social letrado, maior será o seu desempenho e sucesso como leitor e escritor.

É fazendo um gancho com vivências significativas, considerando os saberes que o aluno trás de fora da escola que a tecnologia tem que ganhar espaço na sala de aula, assim como em todos os âmbitos sociais.

Para Lerner (1998) inovação tem sentido quando faz parte da história do conhecimento pedagógico e ao mesmo tempo, retoma e supera o anterior. No entanto, as inovações muitas vezes trazemos mudanças às práticas educativas e têm relevantes dificuldades para se instalar no sistema escolar.

É preciso enxergar a tecnologia como um elo entre o aprendizado e o real, ela não compete com o professor, mas complementa. Por exemplo, um texto quanto produzido à mão, ele pode ser discutido em grupo e depois digitado, surgem questões e discussões sobre problemas ortográficos que dificilmente surgem em outros contextos, a escola sempre revelou dificuldade para levantar dúvidas ortográficas funcionais, uma forma de aliar a tecnologia, o mundo real, a escrita, a leitura crítica e a construção do saber.

Segundo Ferreiro (1995),

[...] A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. (...). Imersa em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos socialmente



elaborados, a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais. [...] (FERREIRO, 1995, p.43).

Para garantir uma alfabetização e um processo educacional não escolarizado é preciso atender aos novos cenários culturais, sociais e tecnológicos, pois os alunos vivenciam diariamente situações e utilizam tecnologias que nem sempre estão inseridas na sala de aula. A escola não pode se fechar e fingir que nada mudou nos últimos 30 anos. O trabalho com as tecnologias é um salto para democratizar a sala de aula, possibilitar discussões, debates e promover novas formas de aprendizados.

Lerner (2002) relata que é necessário à escola possibilitar aos alunos a apropriação da escrita e de suas práticas sociais para assim, poder incorporá-los a comunidade de leitores e escritores.

Não cabe mais debates sobre se a escola é a favor ou contra o que acontece fora dela, a única coisa urgente é apresentar aos alunos o teclado. O teclado de um computador e o de uma máquina de escrever são basicamente idênticos. Mas a máquina de escrever não foi percebida como ferramenta didática pela instituição escolar no seu auge, não se pode permitir que isso aconteça com o computador, tablets entre outros equipamentos tecnológicos.

[...] A escola, sempre repositório de mudanças que ocorrem fora de suas fronteiras, deve pelo menos tomar consciência da distância entre o que ensina e o que é praticado fora de suas fronteiras. Não é possível continuar dando prioridade à monges medievais-offício cópia escrita como um protótipo no momento da Xerox & Co. Não é possível continuar dando prioridade à leitura em voz alta de textos desconhecidos (mera oralização com pouca compreensão) na Tratava-se de uma leitura rápida e da necessidade de aprender a escolher as "informações" relevantes dentro do fluxo de mensagens impressas que chegam de maneira desordenada, caótica e invasiva. [...] Emília Ferreiro, 2015.

O sistema de educação como uma instituição social, deve responder as mudanças sociais, sejam elas as inovações tecnológicas. Nesse contexto o foco não está em apenas se fazer moderna como instituição, mas, sobretudo, possibilitar o acesso real ao mundo tecnológico para os alunos e professores.



Logo a alfabetização e tecnologia tem como perspectiva a promoção do uso de novas ferramentas de informação e conectividade, com sentido comunicativo, tecnológico e social, para agregar valor às estratégias de ensino e processos de aprendizagem, bem como para oferecer oportunidades aos alunos na realização de práticas significativas e relevantes.

Essa ideia de alfabetizar revelando um contexto social e as marcas culturais do tempo que se está inserido, abre-se a discussão para se alfabetizar letrando. Ou seja, compreender o sistema de escrita e leitura com os meios que circulam de fato na sociedade, que pode ser feito com o uso de portadores textuais sociais, produções escritas para um destinatário existente e isso a tecnologia só potencializa.

Para Magda Soares (2003), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.”

Logo podemos constatar diferenças entre ensinar o código de escrita, sua codificação e decodificação, e nortear a prática docente em instrumentalizar o aluno para se utilizar desse código em situações onde a leitura e a escrita sejam utilizadas de forma real e objetiva. Não se pode perder de vista de que a alfabetização é o processo que insere a criança no mundo letrado, o que significa que a leitura e a escrita fazem parte do cotidiano social, elas devem ser trabalhadas na escola de forma que possibilitem a relação entre a escola e a vida.

Junto com a mudança ocorridas devido a tecnologia na sociedade, mudou também a concepção de alfabetização. O que se espera de uma pessoa alfabetizada hoje é diferente do que se esperava antes. Não é suficiente saber escrever o nome, ler algumas palavras e frases, escrever pequenos textos, para o mundo contemporâneo a complexidade é maior, a necessidade de leitura e escrita, mesmo em circunstâncias do cotidiano são mais intensas, por este motivo a escola e o processo de alfabetização não deve ser como anos atrás, pois o mundo mudou.

O conceito de alfabetização não é fixo, mas é uma construção histórica que muda de acordo com as exigências sociais e com as tecnologias de produção de texto. A disponibilização dos novos meios de se comunicar não entra somente no dia a dia das pessoas, mas no cotidiano profissional, considerando que as tecnologias permitem a leitura, a produção de textos e o compartilhamento imediato. (FERREIRO, 2011)



É certo que a educação escolar não depende exclusivamente de ferramentas digitais para ser bem-sucedida, mas não se pode ignorar os potenciais dos recursos tecnológicos modernos.

Não se pode negar que os alunos estão afastados deste mundo tecnológico, pois as tecnologias mais interessantes hoje estão em smartphones, celulares conectados à Internet. Estão nas mãos de muitos gestores, professores, alunos e famílias. As ferramentas como celulares, tablets e notebooks nos ajudam a acessar às informações, desenvolver projetos, a conversar, a compartilhar nosso conhecimento, tirar dúvidas, participar de discussões, falar em público, escrever melhor.

Para Bruce (1997, p. 300-301):

“As tecnologias participam intimamente na construção de todas as práticas de letramento. Elas não são separadas dos textos e da construção de sentido. Nós produzimos textos por meio da tecnologia dos papiros, do papel, do quadro-de-giz, ou da tela eletrônica. Nós também redefinimos continuamente o que se conta como texto por meio destas tecnologias: Romancistas escrevem hipertextos, publicitários escrevem multimídias e a enciclopédia de papel transforma-se em mídia digital. [...] nós disfarçamos o fato de que ambas, a leitura do livro e a leitura no computador, são amálgamas complexas de tecnologia com outras práticas socioculturais.” (BRUCE, 1997, P. 300 -301).

A ideia de texto e a construção literária vem sendo modificada, pois a sociedade de modifica constantemente. O bilhete antes deixado escrito em um papel seguindo uma estrutura pré-determinada, hoje é muitas vezes substituído por uma mensagem em aplicativos de conversas rápida, e ainda, constantemente sem utilizar a linguagem escrita e sim a fala, por meio de áudio.

No documento norteador da educação básica brasileira BNCC, 2017, é apresentado em diferentes momentos a importância de se considerar a tecnologia em sala aula. Na página 10, com mais ênfase, o documento ressalta que esta importância não é uma preocupação de hoje, pois a BNCC dialoga com documentos produzidos nas últimas décadas, o PCN, Parâmetros Curricular Nacional, que já apresentava parâmetros para todas as escolas de nível básico seguirem.

Segundo ambos documentos, a linguagem, escrita ou falada é uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica. Fica ainda mais claro quando



definem que ao componente Língua Portuguesa cabe proporcionar aos estudantes, experiências que contribuam para a ampliação do letramento, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

Segundo a BNCC (2017):

“As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir.”

As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Pode-se assistir um filme, ler um livro e comentar abaixo da foto sentimentos e opiniões a respeito da obra, pode-se indicar, compartilhar, as possibilidades são múltiplas e democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente.

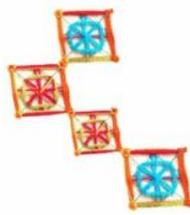
O caminho é de reflexão, de construção de saberes e de inserção no mundo real. As TICs não estão tão próximas para criar atrito, facilitam a comunicação. Logo a alfabetização tem como função possibilitar a comunicação e o registro e esta precisa ser feita com o que ocorre no cotidiano, de forma letrada. A necessidade de mudar o foco, expandir a visão que temos sobre a leitura e a escrita é urgente e real.

Moran (2008, p. 61) afirma que é importante “conectar o ensino com a vida do aluno. Chegar ao aluno [...] pela interação online e off-line”. Contudo, reforçamos que o conhecimento será sempre construído na presença ou ausência das Tecnologia de informação e comunicação (TIC), mas nunca exclusivamente através destas.

A relação entre as tecnologias e o letramento é de fato intrínseca, a necessidade de mudar o foco, expandir a visão que temos sobre a leitura e a escrita é urgente e real.

Em um mundo tecnológico, o que é alfabetizar letrando?

Uma alfabetização com função social. Alfabetização é um dos primeiros e indispensáveis passos do desenvolvimento do indivíduo com sua comunidade. É um elemento em lugar de destaque entre os conhecimentos e habilidades fundamentais



mínimas para alcançar um nível de conhecimento adequado para sobreviver em um mundo letrado.

Um indivíduo alfabetizado pode satisfazer com mais sucesso as necessidades de bem-estar individual, pois o status alfabético contribui para uma melhor posição econômica. Na atualidade, mesmo com diferentes instrumentos e linguagem que facilitam a comunicação, a escrita permanece confortável e barato, ainda não existe, apesar da importância dos vários meios audiovisuais, um substituto da leitura como uma atividade informativa, desenvolvimento de pensamento ou incluído fonte de distração.

A principal qualidade de alfabetização consiste em uma melhor comunicação para as necessidades essenciais, se são pensamento ou ação. Por ter alfabetização uma conexão básica com a linguagem, e sendo a linguagem, pensamento e cultura intimamente relacionados entre si. Sim, a alfabetização acaba sendo algo mais que um simples assistente do "Comunicação".

Sabe-se que a alfabetização é um processo, e não se limita apenas a ler e escrever os signos do alfabeto, mas, sim, compreender como funciona a estrutura da língua e a forma como é utilizada. Logo a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo dinâmico, que se faz por duas vias de acesso, uma técnica, a alfabetização e outra que diz respeito ao uso social, o letramento, além de possibilitar o acesso à cultura, o desenvolvimento economicamente, pois auxilia na mudança social, na aquisição do conhecimento, extensão e disseminação de informações, possibilita a participação do cidadão de forma igualitária na sociedade, favorece a participação em grupos religiosos, dentre outras possibilidades.

As vantagens práticas da escrita e leitura são óbvias no dia a dia do indivíduo, no entanto para que esta seja assertiva as situações de aprendizagem precisam ser reais, utilizar como leitura portadores que circulam na sociedade, como: ler recibos, etiquetas, armazenar amostras, avisos e regulamentos, cartas privadas, calendários, jornais e listas de preços e outros tantos. Isto vale para o material de escrita também, de vou escrever uma carta, preciso enviá-la, se vou deixar um bilhete, este precisa ser sucinto, com destino correto.

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções de existência. Emília Ferreiro, 2013.



Além disso, é preciso se adaptar ao século XXI, é o caso é uma carta para uma empresa, atualmente escreve-se um e-mail, um bilhete, pode-se enviar uma mensagem por aplicativos de mensagens rápidas, a escrita de um livro, pode ser digital, as possibilidades são múltiplas. Para alcançar esses níveis, é necessário um processo de alfabetização que vá além da simples habilidade de decifrar símbolos.

Em palavras de Freire (1970, Pg. 96 e 97):

[...] Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem. (...) Em lugar de serem recipientes dóceis dos depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico também. [...]

Alfabetização letrada está intimamente ligada as experiências de leitura e escrita que foi possibilitada ao indivíduo durante o período de aquisição e de toda a vida. Quando vive em um grupo, a criança encontra novas maneiras de se comunicar com as pessoas ao seu redor, maneiras que podem ser criativas e divertidas, que serão apoio e referência em um futuro próximo. Logo o ato de aprender a ler e a escrever pode ser repetitivo e tedioso ou dinâmico e motivador com as novas formas de comunicação, que são aqueles que são apoiados na função social.

Para Weisz, Telma (2002), nenhuma criança chega à escola sem nada saber a escrita. Aliás, ela revela muitos saberes, quando se trata de uma família com contato íntimo a leitura e a escrita muito mais avançados do que os saberes das que vêm de comunidades pouco escolarizadas. O segundo grupo, precisa ser introduzido no mundo da cultura escrita para entender do que está sendo falando em sala e assim ser informado sobre letras e sons.

O que também ocorre com as tecnologias de informação, muitas crianças já chegam com esse conhecimento de sala, para o grupo que ainda desconhece, pode e deve ser apresentada, possibilitando uma democratização dos saberes, unindo a tecnologia ao processo de alfabetização, fazendo deste um processo letrado com função social e além de incluir todos ao mundo tecnológico.



Outro questionamento, é quanto ao Papel do professor na educação do século XXI neste processo. A figura do professor está presente desde a Antiguidade, percorreu vários estágios de desenvolvimento social adaptando suas funções ao contexto sociocultural da época; nas décadas recentes caracterizadas por avanços científicos e técnicos, seu papel mudou indo do centro para o facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

O professor do século XXI é caracterizado por seu compromisso com: treinamento e aperfeiçoamento permanente, com a aprendizagem de seus alunos e neste esforço é um pesquisador na busca de soluções para problemas pedagógicos; ele é um professor de vida, que coloca os valores humanos comprometidos com a integridade no centro de sua vocação. Só então ele será capaz de recuperar o seu lugar de direito na sociedade.

O desenvolvimento alcançado pela ciência e tecnologia nas últimas décadas revolucionou sistemas educacionais dando ao professor novos papéis que caracterizam seu desempenho. As novas demandas nos sistemas educacionais exigem processos dinâmicos e flexível, que requer profissionais capazes de promover aprendizagens que permitam promover o desenvolvimento e a qualidade de vida de seus alunos.

Em seguida, o professor desses tempos deve reunir uma série de qualidades e características pessoais e profissionais muito originais que o identificam e distinguem. É necessário que o docente se dê conta de que o processo de aprendizagem é múltiplos, contínuos, híbridos, formais e informais, organizados e abertos, intencionais e não intencionais, além de se familiarizar com as tecnologias atuais e se propor como missão a colocá-la dia a dia em sala de aula.

Para tanto, é necessário que no momento da escolha, o elemento escolhido auxilie o processo ensino-aprendizagem para que este seja significativo e possa aprimorar a maneira de ensinar e aprender. O uso das tecnologias abre um mundo de possibilidade para que este processo se torne desafiador e prazeroso, já que as tecnologias possuem um espaço de interação, um espaço de criatividade e além disso, apresenta um mundo de autonomia e democratização.

Já não é uma questão de escolha e sim de necessidade, incluir as tecnologias em sala de aula é democratizar as possibilidades de aprendizagem. É certo que as tecnologias



não garantem toda aprendizagem, o professor tem um papel importante como escolhendo os melhores recursos, realizando boas mediações e momentos de trocas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecnologia são conhecimentos aplicados para facilitar um processo, buscando resolver problemas de forma satisfatória, esta tecnologia pode ou não envolver instrumentos eletrônicos, mas muitas vezes fica fechada a grandes indústrias e a grandes grupos corporativos. Não diferente da primeira definição, a TS (Tecnologia Social) também visa solucionar problemas, mas desta vez problemas locais que atingem pessoas próximas, como uma comunidade local.

Esta questão vem de encontro com a escola, pois a instituição escolar, oriunda de um grande problema social, que na época era a necessidade de disseminar conhecimento e construir saberes, normalmente está situada no coração de diferentes grupos sociais onde pode e deve atingir todos os envolvidos, pois os alunos que nela chegam, não chegam sozinhos, são acompanhados de uma relação social fora da escola, de saberes e dúvidas construídos ao longo de suas trajetórias de vida.

Desta forma, a escola é um espaço de encontro com a comunidade, um espaço de trocas e são nesses encontros que a equipe gestora e professores tem a oportunidade de compreender onde tal escola está inserida, quais os hábitos dos alunos e familiares pertencentes a ela, o que todos esperam da escola, dentre outros anseios e dúvidas.

É comum em uma rápida saída pela rua percebemos diferentes pessoas conectadas a equipamentos eletrônicos, não é diferente quando a escola recebe a comunidade dentro dela, logo pais e familiares sacam seus celulares dos bolsos, registram momentos, enviam mensagens, assistem vídeos, as possibilidades são quase infinitas.

O mundo está conectado, as pessoas trocam mensagens via celular, tablets e computadores, são nestes equipamentos que exercem a função da escrita, que enviam bilhetes, mensagens como e-mail, fotografias, dentre outras. E os alunos, vivenciam esses hábitos diariamente, muitas vezes se comunicam com familiares distante desta forma, aprendem a usar o teclado touch screen com muita agilidade, também tiram fotos, enviam mensagens de áudio e quando já sabem escrever, diversas mensagens de texto.



De fato, a tecnologia é uma aliada para aproximar a escola da comunidade, para aproximar os alunos em fase de alfabetização da função real da escrita e principalmente da necessidade e do prazer em escrever.

Hoje um dos maiores problemas na educação do Brasil é o analfabetismo, muitos alunos abandonam a escolas, outros não vêm interesse e nem necessidade de escrever, outros ainda não compreendem este sistema, mas de fato as tecnologias podem auxiliar de forma eficaz as taxas altíssimas de analfabetismo.

A instituição escolar hoje tem um problema, a escola não pode se comportar como no passado, a sociedade mudou, logo a escola precisa mudar. É necessário refletir o que está presente na sociedade, pois os alunos chegam na escola com muitos saberes e experiências de fora escola, trazendo para escolar um mundo letrado e tecnológico.

Para tanto, é necessário que o e equipe gestora e o docente desapegue de iniciativas consolidadas para caminhar pelo desconhecido, para que possa valorizar uma identidade atual e assim potencializar o processo de ensino aprendizagem e tornar o processo de alfabetização real e não escolarizado.

Na alfabetização, é necessário refletir as práticas e oferecer a possibilidade real de ler e escrever socialmente, logo, ler e escrever socialmente hoje, não é igual a 20 anos atrás, a tecnologia e as redes sociais, mudaram a forma de comunicação e de registro, nas salas de alfabetização esta mudança também precisa estar presente

É da escola a responsabilidade de apresentar, de fornecer boas referências ou de construir junto ao aluno formas adequadas do uso da leitura e escrita diante de diferentes situações reais, não faz sentido estimular um aluno a escrever uma carta para arquivar em uma pasta de texto, como não faz sentido, hoje, apresentar ao aluno a carta, sem apresentar um e-mail e a estimulá-lo a escrever um.

É certo que a utilização de recursos tecnológicos não garante aprendizado por si só, mas é preciso que o professor compreenda a necessidade de levar a tecnologia para as aulas, pois elas garantem ao aluno uma maior compreensão do mundo onde estão inseridos, possibilitando autonomia e clareza dos processos que permeiam a sociedade. Quando um aluno se sente parte de um grupo, reconhece o que aprende fora da escola, sua vontade de aprender é estimulada, o que potencializa a função da escola e do professor.



A tecnologia deve ser vista como uma aliada importante na fase de alfabetização, logo, é necessário que durante a formação e formação continuada do docente a discussão do uso da tecnologia em sala seja prioridade, pois as mudanças são constantes e assim na sociedade e deve ser crescente na escola também, permitindo ao educador adquirir simultaneamente habilidades e competências técnicas e pedagógicas.

Por outro lado, não se pode esquecer que muitas vezes o professor compreende esta necessidade, compreende os benefícios de tornar o dia a dia da sala de aula mais real, de transformar a tecnologia digital e a tecnologia da informação em um instrumento de trabalho, mas principalmente nas escolas públicas, falta equipamentos adequados, acesso à internet ou até mesmo, um computador simples com programa de digitação de texto.

Estamos diante de uma revolução nas práticas de escrita e leitura, já não há mais espaços para saber se a escola é contra ou a favor, é um direito que não se pode ser negado à educação e aos alunos, pois democratiza, oportuniza e possibilita uma educação de oportunidades.

REFERÊNCIAS

- BRUCE, B. C. **Literacy technologies: what stance should we take?** Journal of Literacy Research, v. 29, n. 2, p. 289-309, 1997.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução de Diana Myriam Liechtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 1996. 144p. _____. **Reflexões sobre alfabetização.** 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** Tradução Horácio Gonzalez (et. al.). _24 ed._ São Paulo: Cortez. 1995
- FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito** – Seleção de textos de pesquisa. Tradução Rosana Malerba. 1ª ed._São Paulo: Cortez. 2013
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário.** Porto Alegre: Artmed. 2002.
- INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Conhecimento e Cidadania 3 Tecnologia Social e Educação.** Publicado em outubro de 2007
- MORAN, Jose Manuel. et al. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.**, 3ª ed, Campinas, Papirus 2001.



SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, Jan. Fev. Mar. Abr/2004, P. De 5 A 17

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2002.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular.** Brasília, DF, 2016. Disponível em: <
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: out. 2018.

IBGE – Site: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20077-nove-entre-dez-usuarios-de-internet-no-pais-utilizam-aplicativos-de-mensagens> - Acesso em 26 de agosto de 2018.

SOARES, Magda Becker. **O que é letramento e alfabetização.** Disponível em [www.moderna.com.br/moderna/didáticos/ef1 artigos](http://www.moderna.com.br/moderna/didáticos/ef1_artigos) 2004. Acesso em 22 de Julho de 2018.

VALENTE, José Armado. **Diferentes usos do computador na educação.** Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br/uplad/biblioteca/187 pdf](http://www.proinfo.mec.gov.br/uplad/biblioteca/187.pdf). Acesso em 22 de Julho de 2018.